

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

DANÇA: ELEMENTO DE SUPERAÇÃO NA VIDA DE PESSOAS DEFICIENTES VISUAIS¹

Dilamar Da Rosa², Natiele Paula Carboni³, Lorita Maria Weschenfelder⁴, Camila Da Silva Guireli⁵, Alex Luis Emiliavaca⁶.

¹ Projeto de extensão realizado Pelo Polo de Desenvolvimento esporte Lazer UPF bolsistas PAIDEX

² Bolsista PAIDEX Polo desenvolvimento esporte lazer UPF

³ Coautor, bolsista PAIDEX Polo Desenvolvimento Esporte lazer UPF

⁴ Professora da Universidade de Passo Fundo, Coordenadora Polo Regional de Desenvolvimento Esporte lazer - UPF

⁵ Bolsista PAIDEX - UPF Polo de desenvolvimento esporte lazer

⁶ bolsista PAIDEX - Polo de desenvolvimento esporte lazer _ UPF

INTRODUÇÃO

Em convênio com a Universidade de Passo Fundo, a Associação Passofundense de Cegos - APACE - promove diversos programas para atender seus associados, visando oferecer inclusão social, acesso a informação, para que eles possam interagir com o outro de forma autônoma, independente e saudável. A APACE foi fundada no dia 23 de julho de 1999 por um grupo de pessoas preocupadas com a questão da inclusão social, tendo como objetivo principal, congrega as pessoas com deficiência visual (cegos e baixa visão) na luta pela inclusão social. Este relato de experiência socializa o processo vivenciado no projeto de extensão "Polo Regional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer", com os bolsistas PAIDEX, os voluntários e os associados da APACE. As atividades são realizadas na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo em forma de oficinas pedagógicas diferenciadas em cada dia da semana, que foram sendo definida a partir do diálogo entre APACE, e UPF. No ambiente aquático que possibilita da leveza da alma a superação da timidez em busca da segurança com a natação e a hidroginástica. Nos esportes competitivos, o Goalball e o Judô, com a filosofia de ética, respeito, aperfeiçoamento do equilíbrio estático e dinâmico. Desde a infância com a recreação e a bike acessível valorizando a liberdade e o espírito de aventura com ludicidade. Vencendo o medo e superando desafios nos esportes de aventura, como a escalada, trilha, tirolesa e o rapel. Na musicalidade que embala os corpos com a Dança como forma de sentir, perceber conhecer e aprender. É sobre esta oficina que o presente relato será apresentado. Para entender esta experiência é preciso pensar a dança no momento em que ela acontece, pois Llinás (2002) assegura que o pensamento é a interiorização evolutiva do movimento. Para Katz (2005), a dança é uma forma de pensar. Sendo a dança movimento, estas ideias se complementam. Neste sentido a oficina de dança tem como objetivos: Possibilitar aos deficientes visuais o contato com a dança como uma forma de ajudá-los a sentir, perceber, conhecer e aprender. Além disso, vivenciando a dança, esses indivíduos têm a possibilidade de utilizar suas capacidades, descobrir suas habilidades e explorar suas potencialidades, aumentando a sua autonomia; Promover através da dança uma melhor qualidade de vida aos alunos que dela fazem uso, auxiliando em aspectos motores de cada indivíduo, deixando as atividades do dia-a-dia de fácil execução, pois a dança auxilia nessas particularidades.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

ELEMENTOS DE LEITURA DE REALIDADE/DIAGNÓSTICO (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)

Pensando na região em que vivemos surgiu a ideia de criar um grupo de danças da APACE. Um grupo folclórico onde pode se abranger diversos ritmos em que os alunos tenham a oportunidade de vivenciar múltiplas experiências da cultura rio-grandense, enriquecer seu repertório motor de dança entre outras possibilidades que esta atividade proporciona. As danças gaúchas são algumas das mais antigas Danças Populares brasileiras. Tiveram origem na Espanha em meados dos séculos XVII e XVIII. O Rio Grande do Sul iniciou seu processo de formação dois séculos e meio após a descoberta do Brasil; assim sendo, o estado mais meridional da União sentiu sua principal influência: a profunda mestiçagem cultural que dois séculos de povoamento haviam elaborado no Brasil. As danças tradicionalistas gaúchas são legítimas expressões da alma gauchesca. Em todas elas está presente o espírito de fidalguia e de respeito à mulher, que sempre caracterizou o campesino rio-grandense. Todas elas dão margem a que o gaúcho extravase sua impressionante teatralidade. Segundo Paixão Côrtes (1997), a primeira dança regional gaúcha que colheram em suas pesquisas veio da Vila de Palmares (atual município de Osório-RS). As danças, inicialmente, apenas integravam as festas regionais do Rio Grande do Sul e hoje são divulgadas e praticadas por diversos estados como a mais bela manifestação do folclore gaúcho. Tamanho é o seu alcance que existem CTGs espalhados por 23 estados brasileiros além dos Estados Unidos, Paraguai e Portugal. A mais típica representação do Rio Grande do Sul é o “fandango” que, posteriormente, se entremeou ao sapateado, originado nas antigas danças de par solto da romântica Espanha. Estes bailados espanhóis constituíram o primeiro ciclo/geração coreográfica de formação das danças populares brasileiras. Passando pela corte de Luiz XIV com o “Minueto”, pela Inglaterra com a “Country Dance” e, finalmente com a “Valsa” chega a Paris onde a vida social sofria influência de muitos fatos mundialmente significativos, e se espalhava por todo o círculo cultural ocidental: novas ideias, novas técnicas, novas modas, logo, novas danças. As danças tradicionalistas são acompanhadas de músicas típicas gaúchas. Nestas prepondera o som do acordeom, também conhecida como gaita, violão e alguns outros instrumentos de corda e percussão. Pela tradição Gaúcha a dama é chamada de “prenda” e o cavaleiro de “peão”. Entender o processo histórico pelo qual passou a dança é fundamental para que possamos dar sentido e significado a oficina de dança com os associados da APACE, entendendo a sua relação com a deficiência visual. A deficiência visual é um tipo de deficiência sensorial e, portanto, sua característica mais central é a carência ou o comprometimento de um dos canais sensoriais de aquisição de informação, neste caso o visual. [...] sob a denominação geral de cegueira ou deficiência visual, são englobados um grande número de distúrbios visuais de características e etiologias muito diversas. (OCHAITA; ROSA, 1995, p. 183). A dança proporciona muitos benefícios, não só para deficientes visuais, mas também para todos que à praticam, agindo de forma integradora, incluindo todos de forma geral, promovendo integração e interação a todos que praticam esta atividade. A dança promove o desenvolvimento da coordenação motora se bem aplicada, na forma de trabalhar o corpo, faz com que a coordenação motora seja inserida no aprendizado de quem a pratica. Isso traz uma grande vantagem, pois toda carga de técnica nos movimentos mecânicos se reflete em ganho para o indivíduo que dança. Ficando assim com uma excelente coordenação motora. A grande maioria dos deficientes visuais acaba por ter seus movimentos limitados devido a deficiência, pois não se sentem seguros aos movimentos do corpo e também no próprio deslocamento nos espaços em que vive. Com relação a este aspecto,

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Extensão

Freitas e Cidade (1997) ressaltam que os deficientes visuais apresentam algumas defasagens, problemas de equilíbrio, sua locomoção depende de um acompanhante, expressão corporal e facial escassas, problemas com coordenação motora, não apresentam lateralidade e direções estabelecidas, apresentam problemas posturais e uma falta de iniciativa para ações motoras. (FREITAS E CIDADE, 1997, p.3). Deste modo para o deficiente visual é de suma importância a dança, pois auxilia em sua mobilidade, percepção espacial, fazendo com que sua qualidade de vida melhore e seu repertório motor seja ampliado, o possibilitando a ter uma melhor autonomia.

ESTRATÉGIAS DE IMPLEMENTAÇÃO (METODOLOGIA)

Partindo deste pressuposto utilizamos meios didáticos e pedagógicos que fazem com que os alunos entendam os passos pelas repetições, podendo assim assimilar os movimentos e executá-los. As atividades ocorrem de maneira descritiva, tátil e demonstrativa, onde se busca a melhor forma de entendimento pelos alunos. São realizados exercícios de aquecimento, alongamento, coordenação motora, mobilidade, e danças regionais, todas adaptadas ao contexto, buscando maneiras para que os alunos sintam-se seguros em executar tais movimentos. O tempo de aula é de uma hora e trinta minutos, sendo que os primeiros momentos são de orientação espacial, dessa forma os alunos reconhecem o espaço onde estão e podem executar os comandos com total segurança. Quanto maior for o tempo de exploração do movimento individual ou na relação com o outro, maior será a compreensão e a assimilação deste movimento, facilitando o entendimento do tempo/espaço, das noções de lateralidade, da aquisição do equilíbrio e do controle postural, além da melhoria da mobilidade. Refina também a ideia de corpo nas inter-relações com os outros e com o ambiente

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com estas vivências estamos aprendendo coletivamente no cotidiano que o deficiente visual tem condições de realizar atividades físicas e de lazer como a dança bastando pequenas modificações e adaptação nos locais onde são realizadas. Estamos comprovando que o conhecimento do próprio corpo está intimamente vinculado ao desenvolvimento geral do ser humano e que a atividade como a dança cumpre função importante enquanto elemento facilitador no caminhar do deficiente visual rumo à sua emancipação social. A dança em se constitui em espaços efetivos para diferentes idades, interesses e condições. Atuar no universo da deficiência visual é desafiador em virtude das poucas vivências, informações, materiais, ou ainda a resistência às novas experimentações. Percebem-se benefícios obtidos pela prática desta atividade. No processo é perceptível superações, tomadas de decisões, carências que vão sendo detectadas e compreendidas. Fica evidente a urgência de definição e implementação de políticas públicas permanentes para a inclusão universal. Apontamos ainda para a necessidade de novos estudos que investiguem os locais e tipos de atividades desenvolvidas ou pretendidas, analisando as dificuldades para o acesso as praticas assim como a motivação para participar delas. Podemos dizer que a relação existente entre a deficiência visual, e a dança é justamente a evolução constante, enfocando aspectos como autoconfiança, sentido de cooperação, prazer de poder fazer e as interfaces das valências afetivas com o cotidiano na família, na escola e na sociedade. Temos certeza que pela e com a dança, como afirma Silva 2009 "A mobilização que se faz pela Inclusão Social, é sustentada pelas normas da dignidade humana que considera a diversidade como valor, e o respeito às diferenças como um pressuposto para a sociedade democrática".

Referências

KATZ, H. T. Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID, 2005.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

LLINÁS, R. R. El cérebro y el mito del yo: el papel de las neuronas en el pensamiento y el comportamiento humanos. Trad. Eugenia Guzmán. 3ª reimpresión. Bogotá: Editorial Norma, 2002.

FREITAS, Patrícia Silvestre de; CIDADE, Ruth Eugênia Amarante. Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem para professores de 1º e 2º grau. Uberlândia: Gráfico Breda, 1997. 86p

OCHAITA, E.; ROSA, A. Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 183-197.

CÔRTEZ, Paixão; LESSA, Barbosa. Manual de Danças Gaúchas. São Paulo: 1997